



UNILABOR: DESENHO INDUSTRIAL, ARTE MODERNA E AUTOGESTÃO OPERÁRIA

CLARO, MAURO. SÃO PAULO: EDITORA SENAC DE SÃO PAULO, 2004. 190 P.
ISBN: 85-73593-78-4

João Piza

É um livro de texto acessível, o que o torna também versátil: adequado para quem se interessa por desenho industrial, pela história da arte, da indústria, ou da esquerda brasileira. Na apresentação, Maria Irene Szmrecsanyi coloca "*Mauro Claro nos leva a visitar uma utopia realizada*". E nas páginas seguintes, de fato, ele expõe essa realização e seu grande efeito irradiador, refletindo-se nos questionamentos mais avançados da arquitetura e do urbanismo brasileiro das décadas seguintes. O livro ganha mais uma dimensão ao leitor que conhece os questionamentos do Grupo Arquitetura Nova (Flávio Império, Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro): é possível reconhecer na UNILABOR as raízes das idéias principais deste grupo.

O objeto tratado é a experiência da UNILABOR, uma fábrica de móveis organizada de forma cooperativa, polarizada pelo dominicano frei João Batista, e pelo artista plástico Geraldo de Barros. A experiência se estendeu de 1952 a 1967. Nesses 15 anos, a UNILABOR foi mais do que a fábrica: foi a Comunidade do Cristo Operário, com teatro, escola, e abrigando um amplo debate político, pela qual passaram diversas pessoas que influenciaram diretamente na formação cultural e política brasileira, como Alfredo Volpi, Flávio Império, Franco Montoro, padre Lebret.

Nos primeiros capítulos, aborda-se a formação do movimento economia e humanismo, e sua base filosófica tomista. Esse movimento, formado na França, no calor da Segunda Guerra Mundial, constrói uma crítica à economia e à política internacional daquele momento, acusando-as de perderem de foco o ser humano, e, ao invés de funcionarem a serviço deste, sacrificavam-no a serviço daquelas. Questionavam não apenas o nazismo e o fascismo, mas também o comunismo e o capitalismo. E nessa crítica, assim como na aposta na força da comunidade como forma de libertação e desalienação, aproximavam-se do que havia de mais avançado na filosofia daquele momento.

Frei João Batista se formou intelectualmente dentro do movimento, e foi uma das principais figuras na introdução de economia e humanismo no Brasil. O líder desse movimento, padre Lebret, veio diversas vezes ao Brasil, estruturou e coordenou a SAGMACS, uma experiência de análise e planejamento territorial inovadora que influenciou muitos urbanistas brasileiros nos anos 50 e 60. A

SAGMACS produziu estudos e planos para dezenas de cidades, assim como para alguns estados brasileiros, como São Paulo e Paraná. Assim, o movimento economia e humanismo trabalhava de diversas formas por uma nova sociedade, na qual o centro de seus objetivos era a libertação humana. Daí a aproximação às correntes artísticas modernas, especialmente o concretismo de Geraldo de Barros, com seu resgate da importância ética e da dignidade incutida nas propostas modernistas.

A UNILABOR nos é, então, apresentada como ensaio de um mundo novo, baseado em homens livres cooperantes. Nesse mundo novo, arte e indústria se mesclariam, diluindo as fronteiras entre as etapas de projeto e produção, entre os afazeres do artista e do técnico. Uma grande comunidade irmanada, a Comunidade do Cristo Operário, localizada no bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo, conseguiu realizar essas utopias, fundindo os ideais de economia e humanismo e do concretismo. A fábrica, no final dos anos 50 e início dos 60, passa de 100 trabalhadores, ali chamados de companheiros. Mas, depois, vem a crise econômica, a desestabilização do grupo, e assim, o fim da experiência, de forma curiosamente simultânea ao fim da democracia brasileira.

Na análise dos produtos (móveis) o autor explora as relações entre a estandarização e a particularidade, em uma fábrica onde se buscava tirar o projeto da condição de ferramenta de controle e dominação, para trazê-lo ao papel de ferramenta tecnológica a serviço do bem comum. Expõe, então, as complexas relações entre os primeiros protótipos, a elaboração do projeto, a produção em série, a venda nas lojas, e o retorno das avaliações ao projeto, para sua revisão. Nesse ciclo, o diálogo entre os diversos setores da produção despertava uma consciência do todo da fábrica dentro de cada companheiro. O projeto passava a ser, desse modo, uma ferramenta de organização das informações construídas coletivamente, que possibilitava a cada um ter domínio sobre a inserção de sua atividade na construção da totalidade do produto. Uma ousadia, já que a idéia predominante, ainda hoje, no piso de fábrica, é que o projeto contém o segredo industrial, e deve ser monopolizado pela direção. O conhecimento só deve ser liberado de forma parcelada aos operários para executarem sua tarefa específica.

Por fim, o autor nos mostra a relação entre ética e estética, ou seja, a coerência entre o produto da fábrica e seus objetivos filosóficos. A simplicidade das formas, os jogos de repetição, a lógica evidente dos móveis, são, eles próprios, canais de abertura das artes para uma linguagem acessível. Simultaneamente, colocam em pauta o tema das reais necessidades humanas: evidenciam a futilidade das formas rebuscadas, e a elas se contrapõem. Forma e função andam juntas nesses produtos, e a beleza se constrói pela composição hábil das reais necessidades.

Nesse sentido, na UNILABOR, o modernismo brasileiro produz um de seus mais importantes avanços: o processo de produção aparece pela primeira vez como algo coerente com as propostas embutidas no desenho. A libertação humana não aparece como meta apenas para os usuários do desenho moderno,

mas também para os produtores, fruto da junção entre o desenho moderno e os princípios de economia e humanismo. É interessante observar que essa coerência entre discurso e prática, aqui construída pela mistura entre tomismo, economia e humanismo, e concretismo, era igualmente buscada por experiências em arquitetura e desenho industrial em outras partes do mundo, a partir de misturas completamente diferentes.

O livro de Mauro Claro chega como um alento, ao relatar um trabalho bem-sucedido de fortalecimento da comunidade e libertação humana. Na ocasião, padre Lebrecht disse: “... se em São Paulo houvessem 200 comunidades como esta, a fisionomia da cidade seria outra...”. Meio século depois, vivendo uma crise dos valores coletivos sob todos os aspectos, nossa sociedade tem muito a aprender com uma experiência como essa. É uma mensagem de esperança, uma luz na escuridão para todos que trabalham pela transformação de nossa sociedade. A frugalidade das formas, a visão pedagógica do processo de projeto e produção, a confiança na capacidade humana, tão bem retratadas nessa obra, emocionam e motivam. Mostram uma janela que em dado momento se entreabriu para uma nova realidade. A janela se fechou, mas agora já sabemos que é possível.

João Piza

Arquiteto, tendo trabalhado com projetos, obras e planejamento urbano em São Paulo e no Vale do Paraíba. Atualmente, é diretor de planejamento da prefeitura municipal de Botucatu, e mestrando pela FAUUSP.